Spártacus

Anno I—Numero 9 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 27 de Setembro de 1919

NO CÉU

Foi no céu, hontem á noite. Noite é um modo de dizer apenas relativo á Terra, porque não sei si todos sabem, lá no céu não ha noite.

E' sempre dia e dia mais que luminoso. E' uma luz incomparavel e indescritivel, luz bôa de verdade, porque o Padre Eterno não consentiu que a Light se ocupasse do serviço. O iluminador do céu era outrora Lucifer, que significa exatamente iluminador; mas êsse anjo quis fazer de Light, fornecer luz pessima, desairosa para o paraiso e Jehovah mandou-o embora, porque no céu não ha contratos, nem tabelião, nem juis. O céu é uma teocracia, de fato.

Depois que Newton entrou no céu, com muito empenho e desconfiança de Deus, a luz do céu adquiriu brilhos desconhecidos, cores fantasticas de prisma, o infinito de tonalidades, cambiantes admiraveis, tornando-se verdadeiro tecido de matizes. E' que Newton ensinou a decompôr a luz, a recompô-la, a refleti-la por espelhos! Um danado, o Newton.

Mas, como ia dizendo, foi hontem, á noite, no céu. Não digo quem me trouxe as informações para a policia não mandar prender e expulsar daqui meu informante. São todas exatissimas.

Jehovah estava zangado. Esta zanga, aliás, é muito velha, desde que se arrependeu dos sete dias da criação. A Biblia mente quando assevera que no setimo dia o criador foi descançar.

Não! No setimo dia êle se arrependeu. E não era para menos.

Mal o meu informante penetrou no céu, depois de uma encrenca com S. Pedro, ouviu um berro formidavel: «Calem essa boca!»

Imediatamente o côro angelical dos serafins cessou. Era, conta-me o repórter, um cântico sublime como jamais se ouviu na Terra ou no Municipal.

Eram vozes de sereias, com todos os requebros, timbres, sonoridades, tons, crecendos, uma cousa de endoidecer a gente.

«Calem essa boca!» Era o Padre Eterno furiosíssimo. Lá estava êle, sentado sôbre os tronos, anjos portadores, a puxar a barba, com vontade de acabar o mundo. Querubins dansavam dansas sumptuosas, bailados russos superlindos, com subidas de anjos em helices, em turbilhões, em ziguezagues e decidas em cachoeira. Só se vendo! Pautadas, na planicie ilimitada, as falanges das Potencias, anjos batalhadores, comandados pelo arcanjo S. Miguel, rapaz vivo e musculoso.

Sentado em poltronas de nuvens condensadas, os da prodigiosa côrte etérea: o Filho, o Espirito Santo, Maria, S. José, na frente; logo depois, os doze apóstolos seguidos da arraia-miuda, sem faltar nenhuma das onze mil virgens.

Era uma assembléa geral. O repórter soube que ha muitos anos, desde 1914, a assembléa é permanente.

«Não posso mais com isso! bradava Jehovah. Vocês me fazem doido». Os serafins quizeram recomeçar o cântico, mas a um novo «Calem essa boca!» ficaram mudos como a esfinge.

«Eu acabo o mundo inteiro!» Foi um oh! geral.

«Não diga isso nem brincando, meu pae, disse Jesus Christo. Lembre-se que baixei á Terra, de combinação com meu augusto pae, sofri para resgatar os homens, derramei meu sangue para aplacar a sua ira...»

«Grande tolice que você fez!»

«Foi combinação nossa. Vejo bem que não adiantou nada: mas acôrdo é acôrdo; eu dei minha palavra aos homens e não vou fazer papel de...»

Nêste momento levantou-se um alarido pavoroso. Foi um clamor de dez milhões de vozes, um berreiro de tronos, serafins, potencias, arcanjos, querubins, apóstolos, santos, bemaventurados, virgens, almas de frades, almas de velhas, almas de crianças, tudo a vociferar: «Para fóra!»

O repórter de *Spártacus* ficou estarrecido. Voltavam-se para êle dez milhões de braços levantados, vinte milhões de olhos chamejantes, numa irritação tremente, quase epiléptica.

«Para fóra!» O moço apavorado, não sabia que fazer e mal ousava procurar com vista o porteiro-mór para chispar quanto antes.

Mas um brado ribombante serenou tudo: «Vocês estão malucos!...Sentem-se! Que é isso?»

«Senhor, informou o arcanjo Rafael, avalie Vossa Onipotencia a audácia desses anarquistas. Acha-se aqui, atreveu-se a penetrar na mansão dos justos um repórter do jornal carioca *Spártacus*.»

«Para fora!» bradaram novamente os felizardos da Igreja triunfante.

«Sosseguem!» comandou Jehovah.

Todos se sentaram, mas ouvia-se-lhes bater o coração e via-se-lhes papearem as carótidas.

«Repórter do *Spártacus*? indagou o Altissimo. Pois vem muito a proposito. Embora seja atrevimento barafustar-se por aqui sem permissão... E que faz Pedro? Está dormindo?"

«Não, Altissimo, não me queria deixar entrar; mas, Vossa Onipotência sabe, eu sou repórter e com repórter é no duro, fia-se mais fino».

«Que linguagem é essa?»

«Ué! Linguagem da *élite* carioca, o suco!»

«Que quer Você?»

«Eu? Noticias cá de cima; saber si o céu vai decidir-se a proteger ou não Monsenhor Rangel.»

Foi um zunzum geral, acenderam-se as fornalhas da curiosidade em todos aquêles olhos antes requeimados de furor.

«Estamos justamente cuidando disso. Vivo indignadissimo com aquela tal Igreja Católica Romana, com aqueles tais cristãos, que não seguem nada do que lhes ensinou meu filho.»

«Lá isso é verdade», aparteou desiludido Cristo.

«Vivem a brigar uns com os outros. Ordenei, no segundo mandamento, que não fizessem imagens; insisti nisso no versiculo primeiro do capitulo XXVI do Levitico. Não fizeram caso. Adotaram para adorar-me todos os ritos pagãos, como si eu fosse Jupiter ou o sem vergonha do Vulcano. Arranjam cismas, heresias, queimam-se uns aos outros por asneiras, e agora se engalfinharam feito doidos lá na Europa. Durante cinco anos me azucrinaram de ambos os lados a que eu me decidisse por um dos dois partidos e chegaram a pensar e dizer que eu era germanófilo ou aliadófilo. Estou me incomodando muito com esses persevejos! Era o que faltava. O peor, porém, é que se agarram com Maria, com o meu filho, com a santaria toda. E eu que aguente esse azucrim! Agora é a questão dos operários! Que tenho eu com isso!»

«Mas Monsenhor Rangel me pede todo dia e toda a noite, balbuciou Maria. Antes de qualquer reunião ou conferência, reza-me; depois da reunião ou da conferência, reza-me. Preciso atender aos meus devotos.»

«Que devotos. Diga a seus devotos que tenham juizo e vão trabalhar!»

«Monsenhor Rangel trabalhar? As filhas de Maria trabalham? Não. Só em proveito da religião!»

«Sucia de cacêtes!... E' verdade! Veio a proposito, Sr. repórter. Informe-nos de uma cousa. E' exacto, segundo me garantem, que o movimento dos sindicatos amarelos, no Rio de Janeiro, é formidavel?»

«Formidabilissimo. Peço perdão de não possuir um superlativo ainda maior para exprimir o que é aquilo.»

«Sim? Cite um fato comprobatório.»

"Por exemplo, Altissimo, assisti á conferência, a primeira, do Sr. Andrade Bezerra, devoto de S. Geraldo, no Circulo Católico. Não imaginais, Senhor, que foi aquilo. Um colosso. Havia nos vastos salões do Circulo nada menos de trinta e cinco pessôas".

"Hein? Que está dizendo? Trinta e cinco pessôas? E têm o desaforo de me quererem enganar. E me virem amolar a paciência para proteger uma causa perdida. Ora, vão ás favas. Sumam-se todos daqui ou eu acabo o mundo!"

Recomeçou o clamor. Voltaram-se os cortezãos do céu para o repórter desesperado e de novo, exaltadissimos, e s g u e l a r a m: "Para fóra!". O repórter de *Spártacus* azulou.

"Monsenhor Rangel, disse-me êle, precisa redobrar as rezas. O Papai Grande está zangado".

Podera!

José Oiticica

Atenção!

Obrigado a retirar-se do Rio, por motivo de molestia, o camarada Santos Barboza deixa a administração de *Spártacus*, cargo que vinha exercendo desde o primeiro numero.

Assim, todos os valores, vales postaes, registrados, etc., para a administração de *Spártacus*, devem de ora em diante ser endereçados exclusivamente a Astrojildo Pereira— Caixa postal 1936—Rio.

Ainda a "Lua Nova"

Um cinema de S. Christovam tambem exhibiu, esta semana, a já celebre infamia cinematografica «Lua Nova».

Como nos outros cinemas que o fizeram, tambem nesse de São Christovam houve homens decentes que protestaram.

Já se sabe—foram parar na delegacia. Mas não deixaram passar em julgado a miseravel e caluniosa exploração anti-bolchevista...

A republica burgueza mais democratica não passa de um instrumento de opressão da classe operaria pela classe burgueza, da massa dos trabalhadores por um punhado de capitalistas—LENINE.

Um artigo de Trotski

No proximo numero publicaremos um vibrante artigo de Trotski, escrito por ocasião da Conferenca Comunista de Moscou, em março ultimo, e recentemente estampado na imprensa franceza.

Os anarquistas brazileiros

AO POVO

Ação, reação

Queremos e havemos de falar ao povo. Mais forte que toda a saraivada de parvoices e de insultos, altiva e insufocavel, a nossa palavra rebelde ha de se fazer ouvir, bem alto e bem claro.

Não nos sorprehende a reação burgueza, como tampouco nos atemoriza. De um certo modo, podemos mesmo afirmar que ela constitue, para nós, motivo de orgulho. A reação decorre necessariamente da ação. A actual reação burgueza, entre nós, vale, pois, por uma prova real da eficiencia da nossa ação libertaria. Estamos satisfeitos. E continuaremos...

Toda a historia da humanidade pode dizer-se que se desdobra, através dos seculos, impulsionada pela energia resultante do choque das duas correntes antagonicas: corrente libertaria, corrente autoritaria. Esta é conservadora, retrograda, cristalisada em preconceitos e atavismos. Aquela é revolucionaria, progressista, renovando-se numa perene vibração vital.

Nós anarquistas formamos a extrema esquerda da corrente libertaria.

Definida assim a nossa posição historica, desçamos a actualizar e pormenorizar a nossa situação de agora, no embate com as forças adversas.

A nossa propaganda

Não data apenas de hontem a propaganda anarquista no Brasil. Ha bem umas tres dezenas de anos que ela se vem fazendo entre nós. Como toda a propaganda de idéas, é bem de ver que só muito lentamente ela se foi desenvolvendo, a par com o desenvolvimento industrial do paiz, com o aumento das levas de imigrantes e com o progresso geral dos principaes centros de actividade e cultura.

Sob a sua influencia, organizaram-se associações de classe, formaram-se grupos, publicaram-se jornaes.

Em 1906 e 1913 reuniram-se nesta cidade, em Congresso, representantes da maioria das classes organizadas existentes aqui e nos Estados, predominando em ambas as conferencias a influencia anarquista. Essas duas datas pode dizer-se que marcaram o inicio da sistematização da nossa obra, com o entendimento entre os varios elementos exparsos pelo territorio brazileiro. Lutando embora com as sabidas dificuldades de comunicação, esses elementos mantiveram sempre, dahi por deante, constantes relações entre si, ganhando a propaganda, em consequencia, uma maior força de irradiação e homogeneidade.

Veiu a conflagração européa, em 1914. Dentro das nossas possibilidades, mantivemos firmes o nosso criterio e a nossa actuação, perante a catastrofe provocada pelo capitalismo imperialista e militarista dominante no mundo. Por meio de comicios, conferencias, manifestos, jornaes, etc., a nossa voz se fez ouvir, irreductivelmente consagrada á defesa da causa da humanidade, clamando contra o crime imenso da guerra e batendo-se pela unica paz duradoura—a paz dos proletariados do mundo.

As consequencias da guerra ahi estão: o descalabro economico de vencidos, vencedores e neutros. Com o irremediavel descalabro economico, a falencia da politica e da moral burguezas. Concomitantemente—a revolução social dos nossos sonhos, irrompida na velha Russia dos czares e a sacudir irresistivelmente toda a Europa, toda a America, toda a Asia, todos os Continentes!

No Brazil, até bem pouco, eramos nós, anarquistas, os unicos que cuidavamos, isolados, da chamada questão social. E eramos chasqueados e apodados de insensatos, afirmando-se pedantemente aos quatro ventos que "no Brazil não existia questão social". Mas a hora soou premente, colocando a questão, não mais no simples tablado das elocubrações teoricas e doutrinarias, mas no terreno concreto e aspero das soluções imediatas.

Apanhada de surpreza, a nossa burguezia deitou as vistas atabalhoadas e perplexas sobre o assunto. Toda a imprensa graúda, ao serviço de argentarios, governantes e politicões, abandonou as atitudes chasqueantes e entrou de pena em riste no turbilhão, dando por paus e por pedras, com a sua tradicional ignorancia e a sua habitual velhacaria mistificadora. As mensagens presidenciaes choveram sobre os parlamentos, nas horas toldadas de gréves, fomes e arruaças. Os parlamentos forjaram decretos e codigos mal traduzidos, pretendendo resolver a questão social no Brazil com malamanhados plagios de antiquadas e obsoletas leis européas.

E neste pé vamos andando, ha dois anos...

Frente a frente

Passou pois a época da pura troça, em que eramos unanimemente apontados á opinião publica como loucos mais ou menos inofensivos, creadores de longinquas quimeras, sonhadores renitentes e risiveis. Igualmente passou a época das pequenas perseguições esporadicas. Entramos de cheio no periodo das calunias e injurias em grosso e das perseguições em alta escala. Os governantes afiam o gume das espadas, ferram dobrado os cascos dos cavalos, reforçam as grades das enxovias e preparam implacaveis leis de excepção. A padralhada romana dum lado e uns novos apostolos redentoricos do outro, todos com o caloroso e sonante apoio de industriaes apavorados e mandões da politicalha, entram na contradança, jogando com paus de dois bicos, mistificando, deturpando, envenenando, desorientando as massas. A grande imprensa, essa totalmente ao serviço da reação, batendo e rebatendo a velha matraca do insulto e da calunia a tanto por linha...

Mas a nossa palavra, quente e irrepresavel, ha de vibrar empolgadora por sobre a vasa deste esterquilinio!

Vamos a contas.

Em resumo, nós anarquistas somos incriminados, pelo governo, pela imprensa e pelo clero. 1° de estrangeiros; 2° de estrangeiros indesejaveis, expulsos de toda a parte, inclusive dos paizes de origem: 3° de agitadores profissionaes; 4° de exploradores do operariado.

Vejamos.

1° E' verdade que muitos dos militantes anarquistas, entre nós, são estrangeiros, não nasceram no Brazil. Mas isso não tem nada de extraordinario. Paiz essencialmente de imigração, vivendo as suas industrias principalmente do braço e da inteligencia do imigrante, é naturalissimo que os centros de maior população operaria no Brasil contenham forte e predominante porcentagem de estrangeiros. E como o anarquismo se propaga e se radica especialmente entre as classes operarias, não é menos naturalissimo que muitos desses operarios extrangeiros sejam anarquistas. O contrario disso é que seria absurdo e extraordinario. Agora, o que é absolutamente falso é que todos os anarquistas, entre nós, sejem estrangeiros. E' uma grandissima mentira, contra a qual protestamos com toda a vehemencia, nós, que este manifesto assinamos, todos nascidos no Brasil e orgulhosos das nossas convicções libertarias. Seria vergonhoso para a mentalidade brazileira si sómente os brazileiros, no mundo inteiro, fossem incapazes de assimilar as altissimas doutrinas que contam na sua historia apostolos da estatura de um Proudhon, de um Bakunine, de um Reclus, de um Kropotkine...

Mas, além de tudo, a pécha de estrangeiros, com que os melindrosos do nacionalismo pretendem estigmatizar os anarquistas, entre nós, é incongruente e ultra-hipocrita. Estrangeiros, em ultima analise, somos todos e tudo, no Brazil. Brazileiros autenticos e puros são exclusivamente os indios que os nossos avós estrangeiros e nós proprios dizimámos e vamos dizimando, no passado e no presente. A nossa lingua é estrangeira. Os nossos costumes são estrangeiros. As nossas religiões são estrangeiras. As nossas letras são estrangeiras. As nossas sciencias são estrangeiras. As nossas artes são estrangeiras. As nossas industrias são estrangeiras. A nossa politicalha é estrangeira. A nossa republica e a sua constituição são estrangeiras. Já tivemos um imperio estrangeiro. Numa palavra: tudo que possuimos em materia de civilisação é absolutamente estrangeiro. Muitas das especies agricolas de ondé retiramos a alimentação são estrangeiras. O que não é estrangeiro é o solo, a terra do Brazil—mas essa terra é inanimada e integralmente insensivel ao nosso amor ou ao nosso odio, ao nosso nacionalismo ou ao nosso cosmopolitismo, e as suas riquezas nativas são exploradas principalmente por estrangeiros de fora, devido em grande parte á incapacidade e á inercia de nós outros os estrangeiros que aqui nascemos...

2°. Não é verdade que os anarquistas estrangeiros que apui militam sejam os sinistros bandoleiros pintados pelos nossos inimigos. Indesejaveis? Expulsos de toda a parte? Falsissimo. Os nossos camaradas estrangeiros, que ao nosso lado lutam e sofrem pela causa comum da anarquia, são todos trabalhadores honestos e de regra os mais habeis e inteligentes entre os trabalhadores.

Asseguramos, desafiando desmentidos, que a absoluta maioria deles aqui no Brazil é que se tornou anarquista. São ainda em maioria, entre eles, os que para o Brazil vieram crianças, aqui cresceram e formaram a sua mentalidade, aqui constituiram familia e aqui se identificaram inteiramente ao meio brazileiro. Expulsos de outros paizes, si os ha, poderão ser contados a dedo, e a expulsão por motivo de opinião, longe de degradar, enaltece o individuo. Para nós, o facto de um camarada ter sido expulso de qualquer paiz, por motivo de militar na propaganda anarquista, constitue um titulo de apreço e estima. Mas a verdade é que entre nós pouquissimos estarão nesse numero. Expulsos do paiz de nascimento — não ha absolutamente nenhum, que saibamos.

São estas afirmações categoricas que fazemos e desafiamos quem quer que seja a provar o contrario. Os nossos inimigos da imprensa e do governo que citem nomes e apontem factos.

3°. Não é verdade que a propaganda anarquista entre nós seja feita por agitadores profissionaes. Todos os nossos propagandistas, estrangeiros ou brazileiros, operarios ou não, têm profissão declarada e vivem exclusivamente do exercicio dela. E' falso e arqui-falso que haja entre nós agitadores su-

bsidiados por associações ou por quem quer que seja. Desafiamos provas em contrario. Os nossos inimigos da imprensa e do governo que citem nomes e apontem factos.

4°. Não é verdade que os anarquistas, brazileiros ou estrangeiros, operarios ou não, sejam exploradores do operariado. Inimigos, por principio, por indole e por coherencia, de toda e qualquer exploração, os anarquistas não podem ser exploradores, por que são essas duas qualidades que se excluem. Venha qualquer pessoa aos meios operarios onde militam anarquistas e facil será verificar si ha ahi anarquistas exploradores. Ao contrario, sacrificando parte dos magros salarios e das parcas horas de não trabalho — desse trabalho onde são miseravelmente explorados pelo burguez — os anarquistas poderiam antes considerar-se explorados pelo operariado, por cuja causa batalham e sofrem, abnegados e altivos, si os seus esforços na propaganda não nascessem da necessidade expontanea e incoercivel a que são levados pelas suas convicções.

Porque os nossos inimigos, forjadores de baixas calunias, injuriadores profissionaes e imbecis de todo o quilate, não apontam factos e não citam nomes, provando concretamente as afirmações e insinuações com que a todo o custo procuram intrigar-nos perante a opinião publica? Desafiamos solenemente, mais uma vez, a que o façam!

As pessoas honestas e de boa fé que atentem no seguinte. Si os arnarquistas, como assoalham imprensa, policia, clero, etc., não são homens de vida limpa, de meios licitos de existencia, porque os não processa a policia como taes, como vivedores, exploradores, etc.? Seria excelente oportunidade para a policia poder aplicar-lhes as penas que o codigo estatue para quem não vive licitamente. Ver-se-ia livre deles e desmoralizaria a propaganda. A policia, no entanto, quando os processa, baseia-se exclusivamente em motivos de propaganda de idéas — pelo delicto de opinião. E isto é uma honra para nós.

Ficam pois assim, mais uma vez, desfeitas as varias e variadas infamias que nos assacam os parasitas burguezes e seus lacaios, empolgados de raiva impotente nesta hora grave da liquidação final da civilização guerreira e comercialista.

Defensiva necessaria

Nós não nos iludimos a respeito dos propositos de que se acham animados os nossos inimigos, donos do Brazil. A reação começa feroz e foroz se intensificará. Mas não nos desarmará. Não nos intimidará. Não nos submeterá. Havemos de nos defender a todo o transe. A livre manifestação de pensamento, a liberdade de propaganda de idéas e de reunião é um direito, uma conquista que havemos de defender com unhas e dentes. Ao nosso lado teremos a massa sofredora e expoliada, cujas aspirações mais altas são as nossas aspirações. Ao nosso lado teremos os homens de consciencia honesta e incorruptivel. Ao nosso lado teremos todos os proletariados do mundo, todos esses milhões de escravos rebelados que aos quatro cantos da Terra se agitam na maior das revoluçoes da Historia. Temos fé e confiança no futuro e sabemos que as nossas idéas são mais fortes que todas as forças brutas da burguezia...

O que queremos

Não é este o lugar duma explanação doutrinaria dos principios que nos guiam e dos fins que temos em mira. De resto, os livros, as brochuras, os jornaes anarquistas circulam abundantemente, por toda a parte, á disposição de toda a gente. Mas desejamos frisar, embora em rapido escorço, os pontos capitaes do nosso programa de reconstrução social aplicavel ao Brazil.

Queremos instituir no Brazil um regimen de trabalho, com a socialização de todas as riquezas nacionaes, moveis e imoveis, tornando propriedade comum o que é fructo do trabalho comum.

Queremos abolir toda e qualquer especie de parasitismo — politico, burocratico, industrial, comercial, militar ou mundano.

Queremos que a administração da sociedade passe ás mãos dos trabalhadores, organizados numa vasta confederação nacional de todas as agrupações e federações de profissionaes e tecnicos da industria, agricultura, viação, transportes, obras publicas, higiene, instrução, sciencia, arte, etc.

Queremos que as relações entre os individuos, como entre os grupos de individuos se regulem por livre acôrdo, sem coerção de qualquer especie, a não ser a que resulte do proprio acôrdo livremente tomado.

Numa palavra: queremos que o povo do Brazil, liberto do capitalismo cosmopolita, que o explora e o exhaure, e da politicalha esterilisante, que o empestêa como a peor das pestes, se integre plenamente na civilização proletariana, que desponta, pelo trabalho util, fecundo e dignificador.

O trabalho para todos e todos para o trabalho — eis o postulado fundamental da nova éra, de que pretendemos ser os pioneiros no Brazil.

Não somos injenuos e bem sabemos que a tarefa é gigantesca, pejada de imensas dificuldades, e exigirá esforços e sacrificios supremos. Mas ha que encarar a situação corajosamente, com energia indomavel e vontade ferrea. A historia nos coloca neste dilema: ou a renovação ou o aniquilamento. Somos pela renovação!

Mas o que é positivo e definitivo é que essa renovação não poderá realizar-se dentro do actual sistema plutocratico. A capacidade economica do industrialismo burguez não basta mais ás necessidades do nosso tempo. A produção das utilidades deve ser regulada tendo em vista as necessidades geraes e comuns do consumo, e não as variações e ambições do capitalismo mercantilista. Paralelamente á incapacidade economica, esgotada se acha a capacidade administrativa da burocracia governamental. Assim, ao proletariado, em cujos hombros repousam as responsabilidades directas da produção, cabe tomar nas proprias mãos, directamente, as responsabilidades totaes da obra imensa de renovação.

O Brazil novo

O Brazil novo, para o qual trabalhamos e queremos trabalhar com todas as energias moças e sadias que nos animam, não será mais esse paiz paradoxal de hoje, coberto de riquezas naturaes incalculaveis e habitado por uma população miseravel, de famintos e de enfermos, de flagelados e de mendigos, de gecastatús e de cangaceiros.

Possuimos todos os climas e gozamos de todas as temperaturas. As nossas terras tudo produzem. Uma rêde orografica sem par corta e recorta o nosso territorio em todas as direções. Cachoeiras e cascatas possantissimas se despenham e reboam por todos os lados, do norte ao sul. As nossas florestas não têm rival no mundo. A nossa flora medicinal contém especies ilimitadas. O nosso subsolo guarda jazidas inesgotaveis de todos os metaes e todas as pedrarias. Campos infinitos para pastagens cobrem regiões vastissimas ao sul, ao centro e ao norte. Variedades incontaveis de peixes povoam os nossos mares e os nossos rios. Mares e terras, montanhas e planicies, colinas e vales, campinas e chapadões... todo esse Brazil imenso e riquissimo se oferece generosamente á nossa actividade, ao nosso esforço, ao nosso trabalho... Mas o Brazil não pertence á população que o habita. O Brazil pertence a algumas duzias de sindicatos industriaes e financeiros, a algumas dezenas de fazendeiros e latifundiarios. E são esses açambarcadores da riqueza nacional, na maioria estrangeiros, em boa parte nem mesmo residentes no paiz, são esses que retêm nas unhas, ou fazem reter nas unhas dos seus prepostos e lacaios da governança, os destinos do nosso povo trabalhador, das populações obreiras das cidades e dos campos.

Contra esses nos revoltamos! Contra esses nos batemos nós! Esses são os inimigos do povo e contra esses declaramos a nossa guerra!

E o Brazil novo, o Brazil de amanhã, terra de liberdade e bem estar, aberta a todos os braços productores e a todas as inteligencias fecundas, só se tornará realidade concreta quando, sacudido pelo furacão renovador, arremessar para o lixo da historia todas essas castas malditas de parasitas e sugadores que o infestam, que o estiolam, que o aviltam, que o infelicitam.

Comité de Defesa Libertaria

Os indesejaveis, nesta terra, não são os trabalhadores estrangeiros. Estes vieram para o Brazil trabalhar, e aqui trabalham, aqui ficam, aqui são explorados, no mesmo pé de igualdade que os trabalhadores nacionaes. Os verdadeiros indesejaveis, no Brazil, se encontram entre aqueles piratas da agiotagem internacional, que aqui armaram tenda, para a expoliação sistematica e legalissima do povo productor. E são estes indesejaveis autenticos que agora, pelo orgam do governo, a seu serviço, e pela imprensa mercenaria, a seu soldo, procuram indispôr-nos perante a opinião publica, preparando o ambiente para a reação feroz aos anarquistas.

Como instrumento de defesa imediata, creámos o Comité de Defesa Libertaria, que se propõe a desmascaral-os e desmanchar-lhes os sinistros planos reacionarios. Firmes na estacada, contamos com o apoio de todos os homens amigos da liberdade, trabalhadores manuaes e intelectuaes, que desejam ver respeitados no Brazil os elementares direitos de livre opinião e reunião.

Campanha pró repratriação

Iremos até ao fim. Integralmente solidarios com os anarquistas estrangeiros, que aqui vivem, que aqui trabalham, que aqui são explorados, nós, anarquistas brazileiros, seremos os primeiros a abrir campanha pela repatriação dos trabalhadores estrangeiros, si a estes não são reconhecidos os mesmissimos direitos que se afirma só caberem aos trabalhadores nacionaes. A iguaes deveres deve corresponder iguaes direitos. A exploração capitalista, como a opressão politica não distinguem entre estrangeiros e brazileiros quando se trata de os explorar e oprimir. Não pode pois haver distinção entre estrangeiros e brazileiros, quando uns e outros se defendem da exploração e da opressão.

Somos internacionalistas

Mas, para que se não estabeleçam confusões a respeito da nossa atitude, temos a declarar que não somos patriotas nem nacionalistas: somos internacionalistas.

O facto de sermos brazileiros não nos confere titulos especiaes de gloria ou de orgulho. A nossa patria é a Terra inteira. Queremos prosperidade para o povo do Brazil porque queremos prosperidade para os povos todos do mundo. Pertencemos á falange internacional dos constructores de uma nova sociedade mais humana, mais equitativa, mais justa.

Trabalhadores nascidos no Brazil ou nascidos fóra do Brazil são para nos irmãos obreiros da mesma obra fecunda e util de produção. Bem assim, capitalistas nascidos no Brazil ou nascidos fora do Brazil são para nós irmãos quadrilheiros da mesma quadrilha de saqueadores da riqueza nacional.

Quanto aos patriotas avenideiros e aos nacionalistas transatlanticos, saberemos como reduzil-os á propria expressão de joões ninguens engravatados e leiloeiros da consciencia... Isto é mulambaria podrissima.

Pela revolução internacional

Conscientes e seguros do nosso papel historico, neste momento grandioso e decisivo da civilização, queremos bradar daqui, bem alto, á face da nação, a nossa fé ardente na revolução social internacional, á cuja causa temos consagrado as nossas vidas e pelo triunfo da qual, no Brazil, empenhamos e empenharemos todas as forças da nossa energia.

Terminamos. E terminamos com este voto, ao povo russo, heroico iniciador da imensa batalha redentora, e aos proletariados de todos os paizes, soldados da nossa causa, a expressão mais calorosa da nossa fraternal e inquebrantavel solidariedade!

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1919.

Adalberto Vianna, barbeiro; Adolfo Busse, marcineiro; Alberto Augusto Nogueira, chauffeur; Alfredo Paschoal, sapateiro; Almiro Motta, tecelão; Alvaro de Barros, grafico; Alvaro Palmeira, professor; Anastacio Gago Filho, pintor; Antonio Canelas, jornalista; Antonio Teixeira, sapateiro; Arlindo Drumond, estudante; Astrojildo Pereira, jornalista; Atanajildo Pereira, metalurgico; Benedicto Abreu, alfaiate; Carlos Dias, grafico; Cruz Junior, empregado no comercio; Dionisio Garcia, ourives; Domingos Passos, carpinteiro; Elisa de Oliveira, costureira; Eustachio Marinho, metalurgico; Francisco - Alexandre, jornalista; Francisco Cunha, comerciante; Frederico Baptista, metalurgico; Germano Teixeira Bastos, sapateiro; Isauro Peixoto, empregado no comercio; Jayme de Oliveira, carpinteiro; Joaquim Barbosa, alfaiate; Joaquim de Castro Ruas, ourives; Joaquim Nascimento Moraes, barbeiro; José Cancio de Souza, grafico; José Cardoso Soares, barbeiro; José Elias Peregrino da Silva, pintor; José Maria Ventura, pedreiro; José Matta, sapateiro; José Oiticica, professor e jornalista; Luiz de Miranda, sapateiro; Luiz dos Santos Baptista, sapateiro; Luiz Peres, vassoureiro; Manuel Bueno, sapateiro; Manuel Gonçalves de Olivéira, metalurgico; Manuel Peres, marcineiro; Mario Nelson Belém, empregado no comercio; Minervino de Olivéira, marmorista; Nicoláu Jimenez Junior, metalurgico; Octavio Brandão, farmaceutico; Paschoal Siciliano, sapateiro; Pedro Carneiro, forrador; Pedro Junior, empregado no comercio; Pedro Rangel, grafico; Pindaro Vianna, grafico; Quintiliano Ulysses de Carvalho, padreiro; Ramón Garcia, sapateiro; Ramiro Peçanha, sapateiro; Reynaldo Francisco da Silveira, barbeiro; Reynaldo Guimarães, sapateiro; Tiradentes Pessoa, metalurgico; Ulrich d'Avila, jornalista; Vicente de Miranda Reis, professor; Vicente Rapuono, grafico; Waldemar Teixeira, marcineiro.

NOTA — Não foi possivel comparecerem á reunião, em que se fez leitura deste manifesto, todos os camaradas brazileiros residentes no Rio. Mas aqueles que estiverem de acôrdo com os seus termos queiram enviar a esta redação os nomes e as respectivas profissões ou oficios. Os camaradas do interior do Brazil poderão fazer o mesmo. E' necessario mostrar á burguezia que ha no Brazil muito maior numero de militantes anarquistas brazileiros do que ela supõe...

Falta de espaço

O acumulo de materia fez-nos retirar deste numero varios artigos, entre eles a secção de Roberto Feijò, *Rerum novarum*, as *Cartas da Lua*, de Avila, e as secções *Ação proletaria* e *Boletim da Guerra Social*.

Heresias

Eu não odeio a deus, simplesmente porque não posso odiar a uma coisa que não existe; mas, si um scientista, com argumentos irrefutaveis, convencer-me de que deus existe, então eu o odiarei. E, si o scientista disser-me que ele me castigará por isso, eu o odiarei ainda mais.

***

Eu estou absolutamente convencido de que é possivel uma sociedade anarquicamente organizada.

E, por isso, eu trabalho pela Anarquia. Mas, si amanhã me provarem que laboro em erro, que sempre ha de existir felizes e desgraçados, então eu deixarei de ser anarquista; porém me tornarei um bandido, um incendiario, um assassino, e percorrerei o mundo, prégando, não a destruição duma classe, mas a extinção da humanidade inteira. Ou todos gosam as belezas da vida numa sociedade de amôr e de concordia, ou então que o mundo se transforme em uma imensa arena de combate, onde os homens, trabalhadores e parasitas, se degladiem eternamente como féras bravias e indomaveis, onde se ouçam de todos os lados gritos de aflição e ais! dolorosos, e onde não haja, emfim, alegria de viver! Eu penso assim: Ou todos tomam parte no grande banquete da Vida ou, então, ninguem!

***

Si, para se implantar a Anarquia, isto é, para se acabar com todos os sofrimentos e miserias que pesam sobre a terra, for necessario aniquilar metade da humanidade, aniquilemos metade da humanidade!

***

Diz a Constituição Brazileira que «é livre a manifestação do pensamento; mas, quando um anarquista fala na praça publica, é imediatamente preso, sob o pretexto de que préga a destruição do Estado.

Nesse caso, o artigo da Constituição devia estar assim redigido: «Todo o individuo tem absoluta liberdade de pensar... como nós, os governantes, pensamos.»

***

Todos, menos os anarquistas, são covardes em afirmar que o governo é um simples portavóz da povo, só executa o que este quer.

Ora, actualmente o povo quer a Anarquia... Porque não satisfaz o governo a sua vontade!...

Plinio Saraiva.

Partido Comunista do Brazil

Domingo ultimo á tarde realisou-se importante assembléa do P. C. B., na qual se discutiram assuntos referentes á organização interna do nucleo do Rio e maior desenvolvimento da propaganda.

As secções dos bairros e suburbios continuam a promover sessões e conferencias proveitosas.

Hoje, ás 7 1|2 da noite, na praça da Republica, n. 58, grande assembléa da secção central, pedindo-se o comparecimento de todos.

Ordem do dia: auxilio a *Spártacus*.

O poder dos Soviets suprime a «liberdade dos exploradores e seus agentes. Retira-lhes a «liberdade» de enriquecer com a fome alheia, a «liberdade» de lutar pelo restabelecimento da dominação do capital, a «liberdade» de aliança com a burguezia estrangeira contra os operarios e camponezes do seu paiz. — LENINE.

O fracasso de Koltchak e a situação militar dos bolchevistas

O ex-comandante da esquadra russa do Mar Negro parecia um homem de grandes destinos quando os aliados, descobrindo nele extraordinarias qualidades de dominador de bolchevistas, o reconheceram como dictador da Siberia e, quiçá, de todas as Russias.

E em restabelecendo na Siberia o crime de lesa-magestade contra «todos que a tentassem contra seu poder, sua vida e sua liberdade», os aulicos do almirante queriam significar claramente que ele viria a ocupar o trono que a morte de Nicolau II deixára vago.

Mas os acontecimentos vêm demonstrando que, acima de todas as confabulações diplomaticas, muito acima da vontade arbitraria de quatro ou cinco chefes de Estado, ha uma força superior — a do povo, a da revolução. E eis que tres ou quatro mezes após o reconhecimento de Koltchak pelos aliados como «governo legal da Russia», os bolchevistas esmagam, dispersam ou aprisionam as hordas mercenarias do almirante e restabelecem o regimen dos soviets em grande parte da Siberia.

Mais um plano dos aliados que vae por terra...

E não podia deixar de ser assim porque o dominio de Koltchak fôra conseguido pela traição e mantinha-se pelo terror e dominios desta ordem costumam durar pouquissimo.

As derrotas do dictador siberiano revestem-se de uma importancia excepcional, não só porque constituem um desprestigio para a *Entente*, como tambem porque facultam aos bochevistas novos recursos e largas possibilidades de ação. Os Montes Uraes, para além dos quaes começavam os dominios de Koltchak, separavam os bolchevistas do mundo asiatico, da India, do Afganistão e da China, cujos povos anceiam por se verem livres da tirania e da exploração inglezas. A China, que entrou na guerra ao lado dos aliados, teve como recompensa desta atitude a perda do Shantung, a sua mais rica e populosa provincia. E' comprehensivel, pois, que os povos do Oriente recebam de braços abertos a propaganda e o auxilio bolchevistas.

E o que será da Europa burgueza no dia em que a propaganda bolchevista empolgar todo o mundo asiatico? Quando os bolchevis as armarem para a causa da revolução os milhões de chinezes e hindús, haverá no mundo mais alguma força que se oponha com resultado ao avanço dos exercitos maximalistas?

Além disto, os desastres de Koltchak nos dão uma prova frisante da imensa vitalidade da revolução russa. Koltchak tinha o apoio de todas as nações da *Entente*, recebia destas todos os canhões, viveres e dinheiro de que necessitava; tres exercitos inglezes, alguns contingentes americanos, numerosas tropas japonezas, auxiliam o almirante montando guarda ao transiberiano e mantendo a ordem Koltchakista na Siberia oriental. Os bolchevistas, ao contrario, estão isolados do resto do mundo e têm de contar sómente com os seus recursos; não obstante, tiveram a força de desbaratar e impelir para o Extremo Oriente o sinistro caudilho tzarista que pretendia entrar em Moscou montado num cavalo branco, trotando sobre cadaveres de judeus, entre filas de forças com bolchevistas á dependura.

Koltchak, como deixou transparecer nas suas notas á *Entente* e nas suas proclamações, tinha a firme intenção de reconstituir o antigo imperio russo, para o que lhe seria necessario submeter de novo as provincias balticas, a Finlandia, o Caucaso e outras regiões do ex-imperio que se tornaram independentes.

Todas estas pequenas nações auxiliavam Koltchak, combatendo contra os bolchevistas e mantendo o *front* ocidental. Mas as pretenções do dictador siberiano tiveram o efeito de abrandar o ardor anti-bolchevista destes pequenos paizes e eis que agora, segundo narram os telegramas, eles se dispõem a fazer a paz com os soviets, os quaes, ao contrario de Koltchak, lhes reconhecem a independencia.

A situação militar dos maximalistas russos, portanto, é a melhor possivel e vae-se tornando bem definida:

No extremo norte, os aliados evacuam Arkangel e a Murmania;

A Finlandia, depois das declarações de Koltchak, retraiu-se e, desse lado, os bolchevistas não têm a temer nenhum ataque, ao menos por emquanto;

No Baltico, a Lithuania, a Estonia e a Curlandia dispõem se a fazer a paz com os *soviets*;

Na Siberia, os bolchevistas avançam e Koltchak sente-se impotente para reagir com eficacia. E, o que é mais importante, em consequencia deste avanço, os bolchevistas tomarão contacto com a China e receberão dahi reforços. Nas fileiras dos bolchevistas, já combatem...... 40.000 chinezes, instruidos por oficiaes alemães, e que constituem uma das divisões mais solidas do exercito dos soviets.

Por um lado, os aliados, á vista dos fracassos de Odessa e Arkangel, desistiram de enviar mais tropas contra os russos.

De forma que só restam de pé, em face dos maximalistas, as forças do general Denikine, que são constituidas por oficiaes do antigo exercito russo e por cossacos do Don e do Kuban. Mas Denikine, cujas ideias politicas são as mesmas de Koltchak, não póde constituir perigo sério para os maximalistas. O principal apoio de Denikine são os cossacos do Kuban, que formavam uma republica independente e já luctavam contra os bolchevistas antes do aparecimento de Denikine. Ora, entre Denikine e a *rada* (assembléa nacional) do Kuban, lavra desde ha muito um conflicto latente originado do facto de Denikine julgar-se o unico poder director e não querer reconhecer as decisões da assembléa dos cossacos. Um rompimento entre Denikine e os cossacos é coisa muito factivel e quando isso se der era uma vez Denikine...

Camaradas: tenhamos confiança. A revolução russa sahirá vencedora de todas as ciladas que lhe levantam os inimigos da liberdade e dentro em breve os exercitos dos soviets — os nossos exercitos — penetrarão na Europa ocidental anunciando a nova era social — o comunismo, o bem-estar para todos, a liberdade dos povos, a dictadura proletaria... — **Antonio Canellas.**

A campanha contra os estrangeiros

Continúa acesa ainda a campanha que vêm fazendo os jornaes burguezes, contra os trabalhadores estrangeiros.

Querendo combater a propaganda do comunismo, tarefa de resto dificil, pela extensão que o comunismo alcançou em todas as classes sociaes, os jornaes investem contra os operarios numa linguagem desabrida, procurando levantar os celebres «batalhões patrioticos» e fomentar o jacobinismo no Brazil.

Ha dias, o «Jornal do Commercio» publicou uma local em que vinham formulados os «deveres» de todos os brazileiros, para com os estrangeiros, o que não é mais que uma insidia para estimular o odio dos trabalhadores nocionaes contra os seus irmãos que nasceram em outras partes do mundo.

Todos sabem que o comendador dos «joanetes», dono do «Jornal do Comercio» e fazedor de negociatas politicas e financeiras, é portuguez, quer dizer estrangeiro. Pois, apezar disso, os jornaes «patriotas», como o «Jornal do Brazil», transcreveram a referida nota, sem se lembrarem que o jornal que deu publicidade a tal local é de um individuo que não é brazileiro.

Emquanto isso se passa cá pelos jornaes da Capital, um representante do Brazil oficial, o Dr. Souza Dantas, ministro do Brazil na Belgica, em discurso feito no banquete que lhe foi oferecido pelo conde Matarazzo, em S. Paulo, referindo-se á frase de Nitti: «Il Brazile é il paese piú ricco del mondo», fez calorosos elogios á colonia italiana, enaltecendo a grandeza do paiz e fazendo a apologia da imigração como sendo o factor mais importante do seu desenvolvimento economico e social.

Transportamos para estas colunas um topico do aludido discurso, em que o Dr. Souza Dantas exaltou a generosidade do povo e a riqueza do Brazil:

«Mas nós o queremos maior, muito maior, queremol-o grande para nós, para vós, e para toda humanidade, e sabemos que para isso conseguir nenhuma força será nunca maior do que a vossa.

Ficae comnosco! Crescei comnosco! Vinde aos milhares! Vinde aos milhões! Esta é a terra do futuro; é a terra da esperança; é a terra da Promissão.

O brazileiro é generoso e bom; é um povo, na frase do glorioso e imortal Rio Branco, «laborioso e forte, como a abelha de colméa onde sobra o mel.» Generoso e bom, as suas riquezas, é com alegria que ele as quer dividir, que ele as quer dar.»

Ora, ahi está o paralelo estabelecido entre os conceitos emitidos pela imprensa burgueza e as palavras de um representante do governo.

Uns levantam o odio contra os trabalhadores estrangeiros como meio de reprimir o desenvolvimento da propaganda contra a propriedade privada, outros pedem o concurso das colonias estrangeiras, para dar impulso á agricultura, industria e outros ramos de actividade.

Ha, embora aparentemente tenha feição diversa, perfeita analogia entre a atitude da imprensa e o discurso do Dr. Souza Dantas. A imprensa clama contra a «excessiva liberdade» que gozam os trabalhadores e pede que sejam aplicados com severidade os artigos do Codigo Penal, ou se façam leis que permitam ás autoridades uma acção implacavel. Prega os «deveres» dos brazileiros «sensatos» para com os estrangeiros atrevidos, e mesmo com os «desgraçados» brazileiros que têm afinidades com esses estrangeiros ou que os defendem da tribuna da Camara. Para estes aconselha a negar-lhes os votos, o que é, positivamente, contrario aos fins que a imprensa quer atingir.

— —

O discurso do Dr. Souza Dantas mereceu a nossa atenção, não porque ele encerre alguma novidade mas simplesmente por coincidir com a atitude assumida pelos orgãos burguezes de publicidade.

O banquete oferecido ao Dr. Souza Dantas, onde foi lido o discurso a que nos referimos, não foi oferecido por um estrangeiro «indesejavel» e, naturalmente, sendo um conceituado «comerciante», só lhe poderia ser prometida a partilha das riquezas do Brazil, e o seu concurso julgado indispensavel para a expansão da industria e da agricultura...

E assim, com o apoio dos que governam e desgovernam a seu talante, meia duzia de individuos como os Matarazzo, os Martinelli e outros, pódem embolsar 73.000$000 num ano, emquanto os colonos que trabalham na lavoura e os operarios da cidade passam por todas as privações.

Si na frase de Rio Branco, o Brazil é uma colméa onde sobra o mel, nós diremos que o mel dessa colméa é para os zangãos parasitas e as abelhas laboriosas que o produzem morrem de fome.

O que nos consola é que, a exemplo das abelhas que expulsam os zangãos da colméa, os operarios tambem hão de expulsar, em dia que não demorará, os zangãos parasitas da colméa humana: os patrões e governantes.

Antonio Fernandes.

Veremos...

Fazendo côro com os que vêm no Sr. Epitacio Pessoa as mais altas qualidades de inteligencia, de energia, de capacidade, o Sr. José Maria Bello, em artigo no «Imparcial», mostra acalentar as mais fundas esperanças no governo regenerador, saneador e renovador do actual presidente. A hora é gravissima, prenhe de responsabilidades tremendas, e «o Sr. Epitacio Pessoa chegou no momento preciso.»

Mas o Sr. José Maria Bello, que fez parte da nossa embaixada da paz, esteve na Europa e viu, parece que com olhos de ver, a verdadeira situação revolucionaria dos povos europeus. Assim, as suas esperanças no Sr. Epitacio são tembem as ultimas esperanças na vitalidade do regimen burguez, no Brazil: «O paiz, cansado de tantas mediocridades, precisava tentar a ultima experiencia do regimen burguez, sob a direção de um homem novo, inteligente e energico. Si este lhe falhar, só lhe resta tomar conta de si mesmo, pela violencia e pela revolução que sejam, para iniciar o periodo historico que a guerra abriu para a humanidade.»

Ora, eu estou convencido que o Sr. Epitacio, por mais novo, por mais inteligente, por mais energico que seja, não conseguirá concertar os fataes desmantelos da nossa engenhoca democratica. Porque o mal é fundamental, constitucional e organico—e nenhum homem, mesmo que esse homem seja uma especie de semi-deus, como parece que é o Sr. Epitacio, poderá cural-o convenientemente. Isto só vai com remedio heroico, cirurgia e ferro em braza.

Mas o Sr. J. M. Bello, como outros muitos cidadãos belos e feios, ainda guarda esperança. Está muito bem. Conto porém que, no dia em que ela lhe falhar, venha ele para o nosso lado, com armas e bagagens, corajosamente...

Aurelio Corvino.

O mito de Satan

Onde acaso teria nascido esse tão extranho mito de Satan? Que povo de cerebro tão desvairado originou essa lenda?

Estudemos o politeismo egipcio e encontraremos sob a historia de Osiris, o deus bom e Set, o mau — simbolo da luta entre Deus e o Diabo, isto è, entre o Bem e o Mal.

Pois tanto vale Osiris e Set como Ormuzd e Ahriman no zoroastrismo do Iran. Esta mesma luta vemos modificada na mitologia helenica onde ha um principio relativamente bom — Zeus — e outro principio que vive no paiz do tormento e do horror — Hades — dois principios diferentes mas que não se combatem.

Isto mesmo encontramos na religião dos fenicios onde Baal ou Melkart é ao mesmo tempo bom e mau e na astrologia caldaica segundo a qual o universo era povoado de espiritos bons e malfazejos.

A existentia desses dois principios opostos observamos ainda no gnosticismo afirmando a existencia do mal e principalmente entre os maniqueistas — esses zoroastrianos modificados.

Não tenho pretenções a ser esfolado vivo como o fundador do maniqueismo foi; digo porèm, que o cristianismo perseguiu os maniqueus, mas acabou surripiando-lhes a lenda do Diabo, que, é verdade, jà existia, mas que atingiu a perfeição depois de Manes.

Posso estar enganado, mas julgo que o negocio se passou assim. O *logos* gnostico è o nosso Deus e o *eon*, o demiurgo, o nosso Diabo.

Eis como o cristianismo, salada de todas as religiões da antiguidade, arranjou a fabula de Satan.

Falei atraz em negocio. Em verdade foi um negocio de primeirissima, uma pechincha — a invenção do Diabo, pois è sabido quanto a Igreja tem ganho com semelhante descoberta. Negocio da China!

Octavio Brandão

Solidariedade!

O proletariado bahiano, cuja organização em moldes modernos apenas se inicia, de resto com amplidão e segurança, enviou um apelo ao proletariado dos demais estados do Brazil.

A grande gréve dos tecelões, levada, pela feroz intransigencia patronal (como cá...) e pela manifesta parcialidade governamental, a uma posição dificil, deixou os camaradas por ela atingidos numa situação verdadeiramente angustiosa.

Entendemos que todo o apoio material e moral lhes deve ser prestado pelas classes obreiras do Rio, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, do Pará...

A organisação sindicalista na Bahia é por assim dizer novissima, data deste ano. E a Bahia é a terceira cidade do Brazil — cidade portanto onde o movimento proletariano ha de por força revestir-se da maior importancia no movimento geral brazileiro.

E' pois dever de todas as demais organisações mais antigas de outros estados prestar todo o auxilio possivel aos noveis companheiros da aspera batalha social em que todos nos empenhâmos. Ha que animal-os e sustental-os com os nossos braços mais traquejados...

Solidariedade! Solidariedade pelos camaradas da Bahia!

Ainda as perseguições da policia

Além do processo aos onze camaradas, que tiveram a inominavel audacia, em plena capital desta Republica, de... falar num comicio aos trabalhadores, a zelosa e... extra-legal policia do Sr. Geminiano tem trancafiados na cadeia, ha já algumas semanas, os camaradas Aquilino Lopes e Oscar Soares, sobre cujos hombros o 3º delegado auxiliar arremessou o peso fantastico de varios e complicados artigos do Codigo Penal.

A Federação dos Trabalhadores e o Partido Comunista designaram comisões especiaes que tomaram a si o encargo de promover a defeza e angariar auxilio para todos esses nossos amigos.

E' claro que *Spártacus* está com eles de corpo e alma.

—

Os correios, agindo por ordens emanadas do alto, continuam a boicotar *Spártacus*, como *A Plebe*.

E' o cumulo do desaforo. Os correios não são propriedade, nem constituem serviço particular dos governos. Estes são apenas seus administradores, por hipotetica delegação do sufragio universal... Mas os nossos governantes abusivamente passam por cima deste elementarissimo criterio e fazem dos correios, serviço eminentemente publico, instrumento da sua opressão e repressão.

E dizer que os carteiros e demais empregados postaes, miseraveis proletarios como todos os proletarios, não se envergonham do papel de tristes lacaios a que se deixam reduzir...

Misericordia!

—

Emquanto a grande imprensa das capitaes e dos... capitaes aplaudem calorosamente as perseguições da policia ás nossas modestas publicações libertarias, os pequenos periodicos do interior do paiz, que melhormente e mais legitimamente reflectem a opinião e o sentir do povo, protestam contra taes actos e manifestam solidariedade para comnosco.

Eis, por exemplo, o que diz o *Correio de Saude*, que se publica em Saude, Minas, na sua edição de 21 do corrente:

"Nossos sinceros parabens ao prezado colega de imprensa independente o *Spártacus*, que se edita na Capital Federal, pela sua linguagem franca no numero 7 de 13 de setembro, contra os absurdos praticados pela policia daquela Capital.

E' livre a imprensa e por isto gostamos de colegas francos e independentes".

Do *Reformador*, de Divinopolis, Minas, em 21 de setembro:

"Ha dias a policia do Rio e de S. Paulo aprehendeu a edição do *Spártacus* e da *Plebe*, com grande enscenação cinematografica...

Mas aqueles dois valentes jornaes maximalistas continúam circulando. Continúam e continuarão, segundo a consoladora noticia que nos dão.

Aos destemidos redactores daqueles jornaes, que têm o desassombro necessario para enfrentarem os arreganhos da policia, enviamos as nossas saudações e votos de solidariedade".

De *A Razão*, de Baurú, São Paulo, em 20 do corrente:

"*Spártacus*, apezar da reação burgueza que se desencadeou entre os nossos colegas cariocas, continúa e continuará sendo publicado, com grande tristeza das autoridades ao serviço das libras esterlinas..."

Palavras de Anatole France

Pronunciadas perante o Congresso dos Sindicatos de Professores, de França, reunido recentemente em Tours.

CIDADÃOS, MEUS CAROS CAMARADAS

E' um velho amigo que vos fala, e que já estava ao lado do grande Jaurés, em 1906, quando começastes a luta pelo direito sindical. Adquirido esse direito, cabe agora organizar-lhe o uso, e essa é a razão de vos achardes aqui reunidos.

Este Congresso tem ainda outro objectivo, de importancia capital. a reorganização do ensino primario. Contae sómente comvosco para operal-a: a prudencia vôl-o aconselha.

Foi com verdadeira alegria que tive conhecimento hontem, por um jornal, do pensar do nosso amigo Glay a esse respeito.

«A guerra, afirmou ele, mostrou sobejamente que a educação popular de amanhã deve ser, no todo, diferente da de outr'ora.» Tinha pressa em abri-vos o meu coração: vejo que os vossos me correspondem.

Professoras, professores, caros amigos, é com ardente emoção que a vós me dirijo, e agitado de inquietude e de esperanças que vos falo. E como não ser presa de grande perturbação quando penso que o futuro está em vossas mãos e que este será, em grande parte, o que o vosso espirito e os vossos cuidados o farão?

Ao formar a creança, vós determinareis os tempos tuturos. Que tarefa, na hora presente, no grande esboroamento das coisas, quando as velhas sociedades ruem ao peso das suas culpas e quando vencedores e vencidos tombam, lado a lado, na miseria comum, trocando olhares de odio!

Na desordem social e moral creada pela guerra e consagrada pela paz que se lhe seguiu, vós tendes tudo a fazer e tudo a refazer. Exaltae vossa coragem, elevae vossos espiritos!

E' uma humanidade nova que deveis crear, são inteligencias novas que deveis despertar si não quizerdes que a Europa chafurde na imbecilidade e na barbaria.

Dir-vos-ão, talvez: "Para que tantos esforços? O homem não muda". Sim! mudou, desde o tempo das cavernas, ora para peor ora para melhor; o homem muda com o meio e é a educação que o transforma tanto ou mais talvez que o ar e o alimento. Sim, de certo, torna-se necessario não deixar subsistir, por um instante siquer, a educação que tornou possivel, que favoreceu (sendo quasi a mesma entre todos os povos que se apregoavam civilizados) a espantosa catastrofe sob a qual ainda nos achamos por assim dizer, soterrados. E, antes de tudo, é preciso banir da escola tudo aquilo que possa alimentar nas creanças o gosto pela guerra e pelos seus crimes, e sómente isso exigirá longos e constantes esforços, caso todas as panoplias não sejam, breve, arrancadas pelo sopro da revolução universal. Na nossa burguezia, grande e pequena, e mesmo no nosso proletariado, os instinctos destruidores, justamente censurados nos alemães, são cuidadosamente cultivados.

Ha dias, o amavel La Fonchardiere pedia, num livreiro, livros para uma menina. Só lhe forneceram narrativas e pinturas de assassinios, de estrangulamentos, de mortandades e de exterminios. Na proxima "Mi-Carême" veremos, em Paris, Campos Eliseos e nos boulevards, milhares e milhares de meninotes vestidos de generaes e marechaes, pelo desvelo inepto das mamãs.

O cinema lhes mostrará as belezas da guerra — preparal-os-emos dest'arte para a vida militar — e, emquanto houver soldados, haverá guerras, e, si os nossos diplomatas os deixaram aos alemães foi para poder guardal-os em casa tambem. Iremos preparar soldados desde o berço.

E' preciso romper, meus amigos, com essa pratica perigosa. O professor deverá fazer amar á creança a paz e os trabalhos da paz; ensinar-lhe a detestar a guerra. Deverá banir do ensino tudo o que excita ao odio contra o estrangeiro, mesmo o odio contra o inimigo da vespera: não que devamos ser indulgentes ao crime e absolver todos os culpados, mas porque um povo, seja qual fôr, seja a que momento fôr, é composto de mais victimas que de criminosos, porque não devemos proseguir no castigo dos máos sobre as gerações inocentes e porque, emfim, todos os povos têm muito que se perdoar uns aos outros.

Num excelente livro que acaba de sair á luz e cuja leitura vos aconselho, «As mãos limpas», ensaio de educação sem dogma, Michel Corday pronunciou estas belas palavras que eu adoto para reforçar as minhas; disse: «Odeio quem rebaixa o homem ao nivel da féra, levando-o a atacar todo aquele que não se lhe assemelha.»

Oh! com referencia a esse, faço votos sinceros para que desapareça da superficie da terra. Só tenho odio ao odio!

Meus amigos, fazei odiar o odio! E' o essencial da vossa tarefa e o mais simples; o estado em que uma guerra devastadora colocou a França e o mundo inteiro, impõe-vos deveres de complexidade extrema e por conseguinte dos mais dificeis a cumprir. Perdoae-me a insistencia: é o ponto culminante de que tudo depende. Deveis, sem esperança de encontrardes ajuda e auxilio, nem mesmo consentimento, deveis modificar de todo em todo o ensino primario, afim de formar trabalhadores. Só ha logar na sociedade de hoje para os trabalhadores: o resto será levado pela tormenta. Formae trabalhadores inteligentes, instruidos nas artes que praticam, sabendo o que devem á comunidade nacional e á comunidade humana.

Queimae! queimae todos os livros que ensinam o odio! Exaltae o trabalho e o amor! Formae-nos homens razoaveis, capazes de espisinhar os vãos explendores das glorias barbaras e de resistir ás ambições sanguinarias dos nacionalismos e dos imperialismos que esmagaram os seus autores.

Nada de rivalidades industriaes, nada de guerras: trabalho e paz.

Queiram ou não, saará a hora de sermos cidadãos do mundo ou de assistirmos á derrocada da civilização.

Meus amigos, permiti que eu fórme um voto ardentissimo, que só possa exprimir numa fórma demasiadamente rapida e por demais incompleta, mas cuja idéa primeira me parece de natureza a penetrar nos espiritos generosos. Desejo, desejo de todo o coração que, breve, á Internacional operaria venha juntar-se uma delegação de professores de todas as nações para preparar em comum o ensino universal e escolher os meios de semear nas jovens inteligencias as idéas de que sairão a paz do mundo e a união dos povos.

Razão, sabedoria, inteligencia, forças do espirito e do coração, vós que eu tenho sempre piedosamente invocado, vinde a mim, ajudae-me, sustentae minha voz, levae-a, si possivel, a todos os povos do mundo e difundi-a por toda a parte onde haja homens de boa vontade para ouvir a bemfazeja verdade.

Nasceu uma nova ordem de coisas. As potencias do mal morrem envenenadas pelo seu crime. Os ambiciosos e os crueis, os devoradores de povos estouram de uma indigestão de sangue. Entretanto, bem que duramente atingidos pela culpa dos tiranos cégos ou energumenos, os mutilados, os dizimados, os proletariados permanecem de pé; e irão unir-se para formarem sómente um unico proletariado universal, e veremos então cumprir-se a grande profecia socialista: "A união dos trabalhadores fará a paz do mundo".

Anatole France

Administração

Por absoluta falta de espaço temos deixado de publicar os balanços semanaes da receita e despeza de *Spártacus*.

Contamos poder fazel-o no proximo numero.

CORREIO

Miranda Santos, Rosalvo Guedes— Vocês me desculpem não lhes escrever ha tanto tempo. Atrapalhadissimo nesta dobadoura... *Astper*.

Raymundo Reis — Idem, idem. Os seus versos aguardam a primeira oportunidade. Você sabe o que são estas atrapalhações de fazer jornal... O seu amigo não tornou a procurar-me.— *Astper*.

Pequenas notas da guerra, da paz e da revolução

A C. G. T e a Revolução

A velha C. G. T., tradicional baluarte do espirito revolucionario na França, volta a adquirir o antigo prestigio, apezar das tramoias dos seus super-orientadores burocratizados. O telegrama da Havas, datado de 21, e a respeito das resoluções tomadas no Congresso Confederal reunido em Lyon, é significativo. Ele mostra que a pressão das massas sindicadas adquirem uma força irresistivel, vendo-se o proprio Jouhaux obrigado a uma atitude nitidamente radical. Eil-o:

«PARIS, 20 (A. H.) — Telegrafam de Lyon:

"Na sessão do Congresso Confederal, o Sr. Jouhoux leu o novo programa da Confederação Geral do Trabalho, preconizando a transformação da sociedade pelo dasaparecimento do patronato e a nacionalização industrializada dos grandes serviços e riquezas colectivas.

O programa pede á classe operaria que assuma a responsabilidade na organização da nova sociedade; deixa aos elementos estranhos ao sindicato toda a liberdade filosofica e politica; proclama o direito dos povos de se governarem por si mesmos; exprime simpatia pela revolução russa e condena a politica dos aliados para com a Russia, com a qual pede que seja concluida a paz.

Esse programa foi aprovado por 1.633 votos contra 324, e 45 abstenções".

A proposito

«Os trabalhistas francezes, reunidos em congresso em Lyon, acabam de aprovar o seu novo programa de ação, que vae em outro logar publicado num despacho de Paris. Como se verá, os trabalhistas francezes vão adotar uma politica francamente radical, que vae desde a nacionalização das grandes industrias ao desaparecimento do patronato. Dir-se-á que isso não passa, afinal, de um simples programa, igual a muitos outros que se aprovam, mas não se executam... Certamente que todas as clausulas do programa não poderão ser imediatamente postas em pratica e disso mesmo estão certos aqueles que o aprovaram.

Não nos devemos iludir, entretanto, com a situação real que neste momento atravessa a França. Por motivos faceis de aprehender e pelo cuidado que tem o governo francez em impedir que transpirem noticias que ele julga inconvenientes, o mundo tem vivido nos ultimos tempos quasi na ignorancia absoluta das profundas modificações sociaes por que tem passado a França. Si nos formos a guiar pelos telegramas que aqui chegam de Paris, a França continua a ser aquele céo aberto de outros tempos. Puro engano. A França está sendo sacudida nos seus fundamentos por uma forte crise de ordem social e é evidente que os elementos radicaes até agora têm triunfado apezar da forte pressão que exerce o governo reacionario de Clemenceau, que não hesita um momento em lançar mão das leis de excepção promulgadas pela guerra para se sustentar no governo e manter eparentemente a ordem.

Aparentemente, sim, porque só na aparencia essa ordem existe, visto que a opinião publica continúa sufocada. Com efeito, ainda ha na França a censura prévia para a imprensa, e ainda está o paiz sob os rigores das leis militares. As gréves são dominadas militarmente, como a dos ferro-viarios e mineiros, e os movimentos populares são reprimidos com a maior violencia. Clemenceau não quer transigir com a opinião publica, e a sua permanencia no governo está levando o povo francez ao desespero.

Ahi está talvez uma das principaes causas do resurgimento do espirito revolucionario na França, hoje minada pelo radicalismo que atinge quasi o maximalismo, e em vesperas de uma nova revolução para deter a qual não parece haver mais forças. A nova França será certamente bem diferente da actual: será uma França dominada por aspirações mais nobres e mais justas, sem imperialismo e sem militarismo, uma França guiada por idéas tão generosas que talvez chegue a repudiar o tratado de Versailles, e a retomar o seu logar de campeã da civilisação. O programa dos trabalhistas francezes tende para a realisação dessa grandiosa obra, que integrará a França na sua tradição.»

Este comentario ao telegrama da Havas não foi escrito por nós: fel-o *A Noite*, na sua edição de 21 do corrente. Registramol-o com infinito prazer, pois que parte dum orgam insuspeitissimo, conservador por excelencia e nosso feroz inimigo. A' parte detalhes menos certos ou claros, o que se explica pela natural ignorancia dos jornalistas burguezes nestas questões, o comentario de *A Noite* está justo e verdadeiro.

E vejam bem o que são esses fulanos da grande imprensa... Como já se não podem esconder os sinaes evidentissimos da revolução na França, e como revolução na França significa revolução inevitavel e rapida pelo resto do mundo, inclusive o Brazil, vão eles arranjando as coisas comodamente, e cobardemente, para o oportuno movimento adesista...

Mas nós, revolucionarios do Brazil, tão atacados e caluniados e injuriados pela imprensa burgueza, não nos esqueceremos jamais desses ataques, dessas calunias, dessas injurias, e havemos um dia de ajustar contas—rigorosas e implacaveis!

A grande imprensa

A proposto da assinatura da paz, dizia, l' «Œuvre», de Pariz, em data de 30 de junho:

«Sobretudo na Belgica é que a noticia foi recebida com alegria. Em todas as janelas se viam bandeiras hasteadas. Nas ruas, a multidão manifestava o seu entusiasmo e os jornaes celebraram, como era necessario, esta data tão solene».

Por seu lado o *Echo de Paris*, do mesmissimo dia, publicava:

«Nem canções, nem alegria, nem entusiasmo. A noticia da assinatura da paz foi acolhida, hontem, em Bruxelas, com a calma silenciosa e impressionante d'um povo muito decahido para celebrar com alegria este acontecimento historico».

E aqui está como a grande imprensa, chamada de informação, traz os seus leitores ao corrente do que se passa, ainda mesmo quando ela não é paga para mentir...

Lá como cá...

Colhemos na *Aurora*, do Porto, esta lista das ultimas perseguições da republiquinha portugueza, contra o proletariado:

1ª — «A atitude de franca proteção á Companhia Portugueza dos Caminhos de Ferro perante a greve ferro-viaria.

2ª — A ordem para seguirem á frente dos comboios vagões com grevistas.

3ª — A censura prévia e consequente aprehensão de *A Batalha* e do *Avante!*

4ª—O cerco a varios organismos sindicaes e a prisão arbitraria de mais de duzentos trabalhadores.

5ª—A prohibição do comicio da União dos Sindicatos Operarios de Lisboa.

6ª—A manutenção da prisão de alguns camaradas, casualmente detidos na séde de varios organismos.

7ª—O fuzilamento pela força armada de dois maritimos em Olhão devido á greve daquela classe.

8ª—A prisão, por denuneia anonima, do administrador de *A Aurora*, como "perigoso bolchevista", conservando-o durante varias semanas na Casa de Reclusão, depois das pesquizas policiaes terem provado que a acusação era falsa.

9ª—A prisão de varios operarios conscientes, em Viana do Castelo, Braga, Ponte do Lima, Gaia, etc., a pretexto de que tinham constituido "associação de malfeitores".

10ª—O auxilio novissimo que vem de prestar aos industriaes—que vêm fugir de suas casas os operarios, porque lhes pagam mal—mandando-os prender como bolchevistas e pretendendo envial-os para a Africa...»

Como se vê, lá como cá, os processos empregados são os mesmos.

E' que o mal é originario do proprio regimen e não dos homens em si. Podem estes mudar á vontade: si continúa o regimen, fatalmente continuarão todas as iniquidades do regimen.

Uma ordem do dia

O Congresso do Labour Party da Nova Zelandia adotou uma ordem do dia, que condena em termos violentos o tratado da Paz: «Este tratado—diz essa ordem—não corresponde ás aspirações dos povos: ele prepara a guerra e não a paz, e está em contradição absoluta com cada um dos quatorze pontos propostos por Wilson. O mundo não poderá ser organizado segundo os principios de humanidade, emquanto subsistir o capitalismo com os seus dois corolarios, o imperialismo e o militarismo.»

A dictadura de Koltchak

Koltchak destruiu o governo democratico da Siberia com a crueldade de um conquistador barbaro, escreve o Sr. Rosett na *New Republic*, num artigo pleno de interessantes informações.

No tempo do czarismo, os zemstvos, com as suas atribuições legislativas, executivas e judiciaes, já existiam nas diferentes regiões da Siberia. Os bolchevistas substituiram-n'os pelos Soviets. Mas, desde a tomada de Vladivostok pelos tcheco-slovacos, os zemstvos retomaram as suas funções. Em outubro de 1918, o governo pan-russo de Omsk, chefiado por Koltchak, decretou a dissolução do seu poder e fez prender os principaes dos seus membros.

O Sr. Rosett fornece espantosos detalhes sobre o terror branco organizado na Siberia par Koltchak, que temia enormemente a conferencia projectada para a Ilha dos Principes, onde teria que dar contas do seu sanguinarismo reacionario.

Sociedade dos Amigos dos Povos da Russia

Com este titulo constituiu-se ha pouco, em Pariz, uma associação destinada a agrupar, numa ação comum, um certo numero de pessoas pertencentes aos meios mais diversos: ciencias, letras, artes, politica, imprensa, sindicato, industria, etc.

O fim da associação é assim definido pelos seus estatutos:

«Dissipar as legendas, as calunias, os malendidos que separam artificialmente os povos da Russia do povo francez, e preparar de tal modo as bases duma aproximação duravel entre os dois paizes;

Fazer prevalecer na opinião publica franceza esta concepção: que as diversas nacionalidades e os diversos partidos politicos existentes na Russia devem livremente regular entre si as questões que os dividem: em consequencia devem cessar qualquer intervenção armada estranha e qualquer ajuda, sob qualquer fórma que seja, a determinados elementos em luta; especialmente deve ser suspenso o bloqueio assassino;

Centralizar as informações concernentes á situação dos soldados russos na França e dos cidadãos russos detidos nos campos de concentração; empregar todos os meios legaes por fazer render-lhes justiça e obter a sua repatriação; organizar desde logo socorros materiaes e moraes em seu favor.»

Como se vê, a Sociedade dos Amigos dos Povos da Russia recusa-se a tomar partido nos conflitos que dividem os 175 milhões de habitantes do territorio do antigo imperio russo. A Sociedade propõe-se a agir no seu interersse comum, insistindo somente para que a Entente ponha fim ao escandaloso apoio que vem prestando aos emprezarios da restauração czarista e deixe os povos da Russia livres para escolherem por si proprios a forma das instituições que prefe rem.

F. A. L. S.

Estas iniciaes resumem este titulo: Federação das Artes, das Letras e das Sciencias, que acaba de ser fundada em Pariz.

O seu fim é constituir o grande organismo federativo des associações, grupos e sindicatos existentes de trabalhadores intelectuaes, artisticos, scientificos e tecnicos. A Federação será administrada por uma Comissão geral de trinta membros, pertencente cada um a um dos grupos, sindicatos ou associações federadas. Esta Comissão será dividida em tres comissões de dez membros, artes, letras, sciencias.

Que exemplo para os nossos literatelhos e intelectualoides minados e divididos pela intrigalhada, pela inveja mesquinha, pela futricaria pretenciosa...

Umanitá nova

Já fizemos referencias aqui ao projectado quotidiano anarquista que em breve será publicado pelos nossos camaradas italianos. A iniciativa obteve o mais franco exito. A subscripção aberta para tal fim subiu, em poucas semanas, a perto de 100 mil liras, quer dizer, para mais de 60 contos nossos. E' animador. Mostra como, passada a tormenta burgueza da guerra, resurge o movimento anarquista na Italia com uma energia digna destes tempos verdadeiramente heroicos do após-guerra. E veja isso o Sr. Geminiano... Endereço de Umanitá Nova»: Casella postalle 71—Milano (Italia).

Cinco mezes depois

«O general Percin declara, publicamente: «Bem instalados nos castelos de onde davam ordens sem verificar, com uma visita ao local, das dificuldades de execução, os estados-maiores não admitiam siquer que as suas ordens fossem discutidas. Eles ordenavam o ataque, e milhares de homens morriam, diariamente, em vão» Perdas alemãs — em todas as frentes: 1.600,000 mortos; perdas francezas: 1.500.000.

Alguns, munidos de olhos para ver, não esperavam que o general Percin, cinco mezes depois do armisticio, os autorizasse a falar assim. Resultado: esses se acham na prisão, no presidio militar, no diabo. Quanto aos Estados-Maiores, estes foram cobertos de medalhas».

Bem se vê pelas aspas que isso não é nosso. E' de Pharamousse, o ironista do *Carnet d'um sédentaire*, em *La Forge*... Mas encampamol-o, com licença do general Gamelin.

Carta aberta a Monsenhor Rangel

Não sei si terei a ventura de ser lido por vós, porèm como é possivel que a providencia divina, esse deus que vos protege, auxilie neste momento o meu desjo, que é, unicamente, o de ser lido pelos vossos olhos, aqui vos venho dizer algumas palavras sobre momentoso assunto.

Perdoae-me, em primeiro lugar, a irreverencia que estou praticando ao escrever deus com *d* minusculo, porque, penso, sendo ele modesto não gostará por certo, de vêr o seu nome escrito com um *D* deste tamanho; mormente agora, quando vós trataes de arranjar um socialismo de igre ja, não iria bem escrever-se deus com inicial maiuscula, porque isso daria idéa de um deus nobre, de alta linhagem e alto coturno...

Por isso me parece soar melhor a palavra deus com *d* caturrita na vanguarda; dá melhor impressão: parece que deus assim é plebeu, é camarada.

Como o campo onde vós pretendeis agir é o da plebe e como essa plebe embirra um bocadinho com o clero e com a nobreza, acho de bom aviso adotardes o *d* minusculo; mas isso não vem ao caso e por isso passemos a coisas melhores.

Pergunto-vos eu: "atè agora em que é que se ocupou o clero, que nunca se lembrou dos trabalhadores? Emquanto estes morrem de fome no fundo de sordidas pocilgas, o clero ergue magestosos palacios como o que ha ali na Gloria, onde a par de um luxo e de uma riqueza nababesca ha mais conforto e mais regabofe do que havia no palacio de Abdul-Hamid.

Vós, meu caro monsenhor, como todos os vossos, os da vossa grei, viveis vida regalada, andaes rubicundos e nedios, bem tratados e sadios; comeis do bom e bebeis do melhor, sentaes as vossas enxundias em fôfos coxins e repousaes em macios colchões e alvos linhos.

Como, pois, si tendes uma vida assim tão confortavel, podereis comprehender o sofrimento dos pobres trabalhadores; não é possivel que o possaes interpretar e por esta razão tudo o que tentardes fazer para captar a simpatia dos trabalhadores, tudo, tudo será em vão.

A grande maioria dos trabalhadores não é mais composta de *bem aventurados pobres de espirito*; essa grande maioria, hoje educada na escola libertaria, pensa e age por *sponte sua*; não precisa de mentores nem de guias espirituaes que a queiram encaminhar *aos reinos dos céus*...

Eu, como um atomo que sou dessa grande legião de explorados, pergunto-vos mais o seguinte: —O que é que produz o padre? Que utilidade tem sobre a Terra a vossa seita? Vós não produzis nada de util ao viver humano e, por isso, viveis de quê?

Si quizesseis ser sincero, uma vez na vossa vida, me responderieis assim:— «Tendes razão, nós os padres somos uma classe de parasitas de todas a peior, porque além de nada produzirmos, alimentamos entre o povo o germen da ignorancia, para que esse povo não comprehenda que nós os exploramos e que vivemos do seu esforço e do seu suor; nós os padres, pregando o celibato entre nós espalhamos o virus da prostituição por entre as mansas ovelhas que nos procuram para lhes salvarmos as almas..»

Mas, isso vós não direis porque não sois sincero.

J. Cruz

Eureka!

Eu tambem sou *doido* e *desordeiro*. Nasci no meio do pão e da abundancia e fui educado entre a fé e a resignação e o amor patrio. Excelentes qualidades para um bom cidadão!

No amor a Deus adiantei pouco, apezar dos cuidados dos meus, que me queriam catolico a *muque*; mas a patria... nem é bom falar, basta dizer que na escola em que estive cheguei a ostentar as insignias de tenente, com grande orgulho e inveja dos meus colegas.

Nasci aqui neste torrão onde a liberdade é implantada, e no entanto o meu louco amor patrio era Italia...

Atacado desta febre só reconhecia direitos aos italianos; eles eram bons, activos, inteligentes, honrados, fortes e valentes, e até filantropicos. Os mais não prestavam absolutamente para nada. Aos quinze anos, com muita saudade, deixei os galões e entrei para um grande *casarão* afim de fazer o curso de... tecelão. Foi nesse curso que eu senti quanto se sofre com a falta de recursos. O pão, no meio do qual eu havia nascido, começou a escassear, e repetidas vezes a faltar.

A metamorfose foi rapida como a passagem d'um dia alegre. Na escola sempre ouvia dizer: «Quem trabalha ganha pão».

Comprehendi que isso era mentira: pois eu trabalhava durante um horario excessivo e não ganhava o pão suficiente para satisfazer o estomago. No entanto acreditei sempre que o trabalho é a fonte de toda a riqueza social e, si o homem que a ele se dedica não tem o necessario para a sua subsistencia, é porque suporta a exploração. Bem depressa comprehendi isto tudo, e a patria, que até então fôra objecto do meu entusiasmo e orgulho, passou a sêr o alvo do meu odio implacavel. Tinha vivido no engano. Odiei-o, amando a verdade. Vivi na Republica amando a Monarquia. Ilusões desfeitas. Ha um regimen mais digno de ser amado: A anarquia. Como operario, reclamei melhorias, fui prohibido. Não me persuadi. Continuei a reclamar. Isto valeu-me um amavel convite do Dr. *B.*, ao qual não pude faltar. Ele foi indulgente comigo: Contentou-se de passar o meu nome ao cadastro policial como «Anarquista» e meter-me na solitaria por 52 horas e dois dias de xadrez, com o subsequente processo formal. Sahi muito peor: Revoltado até a medula, semeei o germen da revolta entre os submissos, resignados e incautos que esperam melhorias por intermedio dos paes da patria, de Deus e do rei do «milhão». E o povo que me conhece e não me comprehende chamou-me *doido* por querer endireitar este mundo que está torto, emquanto que a policia que me comprehende e não me conhece chamou-me *desordeiro* por não respeitar a *ordem* que ela instituiu apoiada pelo canhão e pelas baionetas, objectos que outr'ora tanto amava. Ahi está como eu tambem sou *doido* e *desordeiro* e rejubilo-me por ver que esta *epidemia* contamine outros iludidos e dessa desilusão, que não vai longe, lhe advenha o triunfo em toda a linha.

A anarquia nasceu, cresceu, fortificou-se e criou azas com que agora esvoaça por todo o universo, que marcha á suprema redenção!

Italus

Emquanto é tempo, folga...

A burguezia continua dormindo o seu sono de giboia farta, e na santa ociosidade em que vive crusa os braços sobre o peito e ronca á vontade, como se nada houvesse.

Emquanto ela dorme, os trabalhadores lutam para se arregimentar, e dia a dia estão mais fortes; breve, os pançudos burguezes hão de vêr ruir todo o seu vasto edificio.

Causa dó vel-os...

Comem fradescamente, e o estomago do burguez assemelha-se a um saco sem fundo.

Vejo-os passar na avenida, rostos redondos, ovaes, e até quadrados, uns magros histericos, outros pançudos, botas em chanfras, enormes correntes terminadas por um relogio de ouro, e, nos dedos mal feitos, aneis de pedras preciosas.

As mulheres, estas, santo Deus, andam em bandos como lindas garças, todas enfeitadas, cheias de carmin e pó de arroz, tomam chá nas casas chics, vão ao cinema, e á noite tocam piano em companhia do esposo, cantam uma aria qualquer, pensam na moda, falam da vida alheia.

As esmolas que dão são as mais irrisorias; organisam uma festa qualquer, sob qualquer nome, como Chá Dançante, e outras baboseiras mais, — é um meio de se divertir, e anunciam a todo o mundo que o lucro é para os infelizes; comem e bebem, dançam e flirtam à vontade, depois das despezas pagas, a sobra é para dar esmolas.

Assim conquistam o reino dos cèus.

Diverte-te, burguezia, diverte-te, que a tua hora está chegando...

Jean Valjean

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

* * *

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*